

**A ONTOLOGIA DO SER SOCIAL MARXIANA-LUKASCIANA:  
contribuições para os estudos sobre o corpo na Educação Física<sup>1</sup>**

Marcel Farias de Sousa<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho apresenta as características essenciais da ontologia do ser social tratado por György Lukács a partir do reconhecimento de que na obra de Marx e Engels se encontra uma teoria social explicativa sobre o ser humano-social. Aportado no materialismo histórico-dialético, da abordagem ontológico-genética do filósofo húngaro e do estudo teórico-bibliográfico realizado na obra destes autores, encontram-se importantes apontamentos que possam contribuir para o debate contemporâneo na Educação Física sobre a questão do corpo, em especial, por oferecer fundamentos para uma ancoragem sobre a constituição da corporeidade enquanto expressão das relações sociais constituídas a partir do processo sociometabólico humano com a natureza, o trabalho.

**Palavras-chave:** Ontologia. Ser social. Corporeidade. Educação Física.

**THE MARXIAN-LUKASCIAN ONTOLOGY OF THE SOCIAL BEING:  
contributions to studies on the body in Physical Education**

**Abstract:** This work presents the essential characteristics of the ontology of social being treated by György Lukács based on the recognition that in the work of Marx and Engels there is an explanatory social theory on the human-social being. Contributed to historical-dialectical materialism, the ontological-genetic approach of the Hungarian philosopher and the theoretical-bibliographical study carried out in the work of these authors, we find important contributions that can contribute to the contemporary debate in Physical Education on the question of the body, in particular, for offering foundations for an anchorage on the constitution of the body as expressed in the social relations constituted from the human sociometabolic process with nature, the labour.

**Keywords:** Ontology. Social Being. Corporeity. Physical Education.

**LA ONTOLOGÍA MARXIANO-LUKASCIANA DEL SER SOCIAL:  
aportes a los estudios sobre el cuerpo en Educación Física**

**Resumen:** El presente trabajo se presenta como características esenciales de la ontología del ser social tratada por György Lukács a partir del reconocimiento de que una obra de Marx y Engels se encuentra con una teoría social explicativa sobre el ser humano-social. Aportado no materialismo histórico-dialético, da abordagem ontológico-genética do filósofo húngaro e do estudo teórico-bibliográfico

<sup>1</sup> Artigo baseado na tese de doutorado: **TRABALHO E ALIENAÇÃO-ESTRANHAMENTO: contribuições da ontologia do ser social para o debate sobre o corpo na Educação Física brasileira**, defendido em 2020 no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília.

<sup>2</sup> Doutor em Educação Física pelo Programa de Pós Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília (2020). Graduação em Educação Física Licenciatura Plena pela Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás (2005). Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor na Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD) na UFG. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa ECOS (Educação Física, Trabalho e Saúde), do AVANTE (Laboratório de Pesquisa e Formação Sociocrítica em Educação Física, Esporte e Lazer) e do Grupo de Estudo Capital e Teoria do Valor da UFG. E-mail de contato: marcel.fef.ufg@gmail.com

realizado na obra destes autores, encontram-se importantes apontamentos que possam contribuir para el debate contemporáneo na Educação Física sobre a questão do corpo, en especial, por ofrecer fundamentos para um anclaje sobre la constituição da corporeidade enquanto expressão das relações sociais constituídas a partir del proceso sociometabólico humano con la naturaleza, eltrabajo.

**Palavras-clave:** Ontología. Ser Sociale. Corporeidad. Educación Física.

## Introdução

O interesse da Educação Física pela corporeidade humana acompanha, ainda que tardiamente, o movimento de interesse ocorrido em outras áreas do conhecimento, especialmente nas ciências humanas e sociais. Contudo, este foi um importante movimento constituído que trouxe significativas contribuições para o debate acerca da identidade, legitimação social da Educação Física, com forte impacto na produção acadêmica (BRACHT, 1999). Mas esta produção de investigação acadêmica foi despertada por ser diretamente correspondente ao próprio movimento da realidade objetiva, cujo nos acontecimentos históricos e cotidianos, surgiram os controles, as regulações e ações exercidas sobre o ser social-corpóreo.

A corporeidade humana foi e é alvo das transformações produtivas e sociais do modo de produção capitalista, da racionalidade, do desenvolvimento sociotécnico emergida, de múltiplas determinações exercidas sobre o ser humano. As pedagogias sobre o corpo não ficaram apenas restritas a organizações de modelos ginásticos e esportivos, elas se ampliaram a outras instituições sociais e nos meios de trabalho, especialmente na indústria moderna. Acresce-se a este fato que a intenção de uma educação pelo corpo e formação *psicofísica* do gênero humano focava também a formação subjetiva do novo tipo de ser social que se instituía (LUKÁCS, 2013; SILVA, 2017).

Perante esta inicial contextualização, a presente exposição visa apresentar mais um estudo sobre a corporeidade humana, sob o marco da *impostação ontológica marxiana-lukacsiana*. Este texto é um desdobramento de uma pesquisa teórico-bibliográfica que investigou em que medida a corporeidade humana é tratada na constituição do ser social presentes no método marxiano e na obra madura de Lukács, como também resulta de uma pesquisa que se encontra em andamento acerca do levantamento do estatuto ontológico nos estudos sobre o corpo realizados na Educação Física brasileira. A intenção é, a partir da teoria

social e método investigativo de Karl Marx, Friedrich Engelse György Lukács, de localizar a corporeidade *na* ontologia do ser social, na totalidade real e concreta da vida humana (LUKÁCS, 2012; 2013; 2010).

Como essencial postulado, afirma-se aqui que para fundamentar a compreensão sobre a constituição da corporeidade humana, é necessário realizar uma indagação inicial sobre quem seja o ser humano e como ocorreu a formação do indivíduo singular pertencente a generidade humana, ou seja, do ser social. Salienta-se aqui de imediato (e que será exposto posteriormente no presente texto) que tal movimento não significou *criar* uma ontologia *do* e *sobre* o corpo, conforme se encontram em proposições de outras “ontologias” na Educação Física (SOUSA; NUNES, 2023). Compreende-se aqui a corporeidade constituída na própria socialidade que se resulta do processo sociometabólico humano com sua base irrevogável, a natureza.

Através do mapeamento e revisão de literatura na produção acadêmica da área em que se constata a difusão de estudos feitos por diversas matizes teórico-metodológicas, o trabalho busca se somar a elaborações delineadas na perspectiva marxiana presentes nas ciências sociais e humanas, a exemplo dos trabalhos de Brohm (1976; BROHM, 2007), Harvey (2004), como também na produção realizada na Educação e Educação Física (ORTIGARA, 2002; HUNGARO, 2008; ÁVILA, 2008; MEDINA, 1987; 2010; HEROLD Jr, 2006; BAPTISTA, 2007; SILVA, 2017, entre outras/os).

Como objetivo deste recorte, apresenta-se na sequência: 1) a caracterização da impoatção marxiana-lukasciana fundamentada nas esferas ontológicas de onde emerge o ser social e a corporeidade; 2) a caracterização da abordagem ontológico-genética de Lukács cujo o trabalho ascende como categoria nodal para o ser social; 3) aproximações do trato categorial com a questão da corporeidade na Educação Física.

### **A impoatção ontológica marxiana-lukasciana: as esferas ontológicas**

A obra de Lukács, como apontam importantes estudiosos de sua obra (CHASIN, 2009; NETTO, 2012; CARLI, 2012; OLDRINI, 2013; TONET, 2013, entre outras/os), realiza uma “[...] notável interpretação da impoatção ontológica que vertebra a obra marxiana” (NETTO, 2012 *In*: LUKÁCS, 2012, p. 17), cuja principal característica se encontra na acentuação e priorização da

*realidade* e do *concreto* na determinação geral do ser social e de seus objetos de conhecimento.

Diferente das abordagens gnosiológicas-epistemológicas em que se tem a imposição dá “voz” do sujeito de conhecimento, no materialismo histórico-dialético de Marx e Engels, encontra-se uma *primazia* não apenas do objeto, mas da *produção material* sobre a produção de ideias do sujeito cognoscente. Ancorado em Marx e Engels, atenta-se que a produção de ideias, representações, do pensamento, da linguagem, da consciência, da produção espiritual que se expressa na política, na produção de legislação, da religião, entre outras formas, são emanções humanas, mas de seres humanos

[...] reais, ativos, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde, até chegar às suas formações mais desenvolvidas. A consciência [*Bewusstsein*] não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente [*bewusste Sein*], e o ser dos homens [e mulheres] é o seu processo de vida real (MARX; ENGELS, 2007, p. 90-91).

A síntese de Carli expõe devidamente este desenvolvimento: “Há em Marx uma prioridade ontológica do ser sobre a consciência, o que quer dizer ‘apenas’ que o pensar não é o momento fundador, mas este é produção” (CARLI, 2012, p. 13).

Completa-se aqui que esta produção é resultante do incessante metabolismo humano com a natureza e com outros seres vivos, humanos e sociais. Este processo metabólico, por sua vez, é expressão do agir humano mediado pelo trabalho (*Arbeit*) que não é apenas uma mera atividade humana espiritual, mas é uma atividade concreta, objetiva e material produzida pelo ser humano individual e genérico. Acresce-se que o próprio *Ser Humano* é manifestação desta autoatividade num processo sociometabólico com a natureza, desta interação se deriva a formação humana (MARX, 2010; MARX; ENGELS, 2007). Assim, vê-se aqui a ascendência do trabalho como chave e categoria central para o materialismo histórico-dialético e que será de suma importância para o desdobramento da obra lukasciana.

As obras da maturidade de Lukács “revelou” justamente os elementos acima apresentados: no tratado de Marx e Engels, encontra-se uma teoria que explica corretamente a forma como se desenvolveu a gênese e a constituição humana. A ontologia do ser social se funda compreensão de que a interação metabólica do Ser com as esferas *inorgânicas*, *orgânicas* e *sociais* constituem o ser humano e a sociedade.

A *esfera inorgânica* comporta toda a base material existente e inanimada, a evolução de seu ser está condicionada às legalidades da natureza embasadas nas causalidades naturais e efeitos consequentes. A transformação da matéria corresponde a um eterno *tornar-se-outro*, mas não a algo novo. Por exemplo, uma pedra torna-se pó, assim como o processo inverso também é possível por ação das leis da física e da química. Contudo, suas formas não se alteram para algo a mais do que esta determinidade. Da inorganicidade se têm os insumos necessários para o surgimento da vida componente da esfera orgânica. Não apenas se tem o surgimento, como também se tem a condição para a sua reprodução: alguns tipos de vida surgem no metabolismo dos seres vivos orgânicos com a natureza inorgânica (LUKÁCS, 2013).

Na *esfera orgânica*, encontra-se a vida biológica – sempre articulada com elementos da esfera inorgânica – da qual emergem as espécies hominídeas que foram os primeiros ancestrais do ser humano. Como dito acima, do metabolismo com a esfera inorgânica é que surgem as condições para a reprodução. Uma planta, como uma mangueira ou goiabeira, *reproduz o mesmo de si*, não se torna outra espécie (a mangueira não produz goiabeira e vice-versa). Assim também ocorre com as espécies animais. E assim, como o ser inorgânico, os seres viventes desta esfera respondem às causalidades naturais e respondem apenas a elas.

A processualidade existente de alguns entes viventes não continha traços de desenvolvimento da consciência, por isso, ainda era uma *processualidade muda* entendida aqui como a incapacidade de se elevar a consciência do seu *em-si* (LESSA, 20010). Neste reino surge uma espécie cujo metabolismo com as esferas inorgânicas e orgânicas foi distinto e gerador de um novo tipo de ser corpóreo, capaz de superar a processualidade muda e que o rumou ao seu reconhecimento genérico.

Os estudos no campo da paleoantropologia e genética humana (ROBERTS, 2011; RICHTER; GRÜN; JOANNES-BOYAU, et al., 2017; DURVASULA; SANKARARAMAN, 2020), demonstram que o processo evolutivo desse ser, na interação metabólica com a natureza, também assumiu diferentes formas. Sem contar que tal processo gerou, como consequência, a transformação corporal humana. No surgimento da vida orgânica, observa-se que a particularidade dos animais superiores<sup>3</sup>, entre o surgimento dos primeiros primatas e as

<sup>3</sup> Aqui não se trata de um juízo moral, mas entende-se como animais superiores, as espécies de primata, hominídeos e alguns seres vertebrados pertencentes ao reino animal que possuem maior desenvolvimento biológico de adaptabilidade ao meio orgânico-inorgânico e que também apresentaram capacidades racionais, de

primeiras espécies hominídeas, representa um salto de milhões de anos.

Se no reino orgânico há o surgimento dos primeiros hominídeos, é de sua peculiar forma de *agir* perante à natureza que também se deu a condição da formação do ser social. No interior dessa esfera da natureza, algumas espécies hominídeas desenvolveram um agir que demarcou uma nova forma de metabolismo com as esferas inorgânicas e orgânicas e que foi capaz de transformar a materialidade presente nessas esferas com a intenção de satisfação de suas carências-necessidades.

Vê-se em Marx (2010) que o ser humano é um *ser corpóreo*, natural, dotado de forças naturais, dependente da natureza e que os objetos de suas pulsões existem fora dele. Estes objetos são indispensáveis para a atuação e confirmação de suas forças essenciais. Vê-se aqui o aparecimento de objetos efetivos, mas *exteriores*, e que são razões para a carência humana. Assim, o ser humano, ser natural mas *ativo*, procura realizar a satisfação de suas carências (exemplo: a fome como carência) e necessidades em *objetos exteriores a ele* (segundo o exemplo: alimentar-se de elementos que lhe é exterior para saciar a fome, seja coletando ou cultivando a partir da ação humana na própria natureza).

No trecho acima e avançando, observa-se que esta processualidade do ser natural-corpóreo com objetos naturais exteriores a si teve, como *medium* (meio; médio), a consciência que se objetiva e exterioriza. A objetivação-externalização tanto assume uma forma material no produto de sua ação intencional (como é a forma-mercadoria), como na linguagem e na constituição de ideias, concepções e conceitos como amor, felicidade, entre outros que, justamente no próprio metabolismo, tiveram-se as condições de seu nascimento (LUKÁCS, 2013; LESSA, 2001).

Oldrini (*In*: LUKÁCS, 2013) afirma que o reconhecimento do papel da consciência é fundamental para o materialismo histórico-dialético. No entanto, para além da elaboração idealista sobre a consciência, o materialismo não segue a proposta de vê-la simplesmente subordinada ao ser, mas de vê-la em sua prioridade no ato teleológico do trabalho que mediará a consciência com a realidade, assim como também possui prioridade na formação do ser social.

Isso significa que estas espécies desenvolveram a consciência? Não exatamente.

---

inteligência e de comunicação.

Alguns fenômenos fundamentados nas determinidades naturais, a exemplo da espacialidade e rudimentar cognição temporal, por exemplo, foram desenvolvidas através da própria experiência com a realidade por uma programação instintual e genética, na qual o ser se move por suas carências fisiológicas, especificamente. Com Lukács, vê-se a rudimentar consciência animal com um caráter *epifenômico*, não-central:

[...] gostaria apenas de destacar que o gradual desenvolvimento da consciência animal a partir de reações biofísicas e bioquímicas até estímulos e reflexos transmitidos pelos nervos, até o mais alto estágio a que chegou, **permanece sempre limitado ao quadro da reprodução biológica**. [...]. Na natureza, a consciência animal jamais vai além de um melhor serviço à existência biológica e à reprodução e por isso, de um ponto de vista ontológico, é um **epifenômeno do ser orgânico**. (LUKÁCS, 2013, p. 63, negritos nossos)

Pode-se dizer que, motivado pelas carências e necessidades, o ente humano teve condições para desenvolver unicamente uma consciência de sua própria forma (ser-corpo) e da potencialidade presente em si (LUKÁCS, 2013; LESSA, 2012).

O complexo da *esfera social*, portanto, é dotado do ente humano que tomou *consciência-do-seu-em-si* no processo sociometabólico com a natureza exterior, processo este que capacitou a formação da própria consciência. Nesse sentido, a consciência é pertencente exclusiva e necessariamente à esfera social. A constante atuação articulada com as esferas inorgânicas e orgânicas faz com que o ser social avance a produção para o *novo*, a processualidade do metabolismo permite que a resposta para os enfrentamentos cotidianos seja algo novo. Como consequência, a própria ordem reprodutiva não cabe mais apenas ao atendimento da programação biológica, mas também responde à produção da vida material e da socialidade derivada desse processo.

Contudo, isso não significa que se tem uma superação ou ruptura com as outras duas esferas. Pelo contrário, elas foram condições para o surgimento do ser social, sendo sempre necessário encará-las de forma processual evolutiva. Com isso, Lukács recupera um elemento fundamental e do qual caracterizava o materialismo de Marx, qual seja, de não suprimir, mas de trazer a base material da existência do ser humano articulada desde seu princípio com as novas formas de se pôr do ser humano, na sua socialidade e individuação.

As transições entre as esferas ontológicas também não são simples tornar-se-outro

imediatamente do processo evolutivo, mas são *saltos ontológicos*: “É preciso, pois, ter sempre presente que se trata de uma transição à maneira de um salto – ontologicamente necessário – de um nível de ser a outro, qualitativamente diferente” (LUKÁCS, 2013, p. 43).

Estas esferas indissolúveis possuem distinções ontológicas, a sua forma concreta de ser: a processualidade social é distinta, no plano ontológico, dos processos naturais e nisso o ser social se constitui. Esta processualidade (contraditória e desigual) dada a partir da ação humana, do exercício da atividade do trabalho, causa transformações substanciais nesse próprio ser ao determinar o surgimento das formas de relações com o meio e entre os próprios seres. Isso não apenas demonstra que Lukács não opera com binarismos ou unidimensionalidade para o desenvolvimento de uma concepção ontológica, como também já, primordialmente, demonstra uma rigorosa concepção de totalidade herdada de Hegel e Marx.

Ao considerar a formação humana e corpóreadiretamente assentadas nas esferas ontológicas, torna-se possível estabelecer um fundamento sólido para uma crítica à forma como a corporeidade tende a ser tratada em abordagens filosóficas do conhecimento que se encontram presentes na Educação Física. Estas operam a partir da cisão do ser humano de sua corporeidade; do ser social de seu ser natural; da separação entre intelecto, da práxis humana e o mundo dos sentimentos. Também realizam a separação da corporeidade do ser singular atomizado, da própria totalidade social em que se constitui e na qual se encontram criações de ações sobre o corpo (a exemplo de métodos de exercícios físicos sistematizados) que exercem papel fundamental para a educação físico-moral do ser social.

Sem contar que também se tornam na história recente brasileira, o sustentáculo ideológico de noções eugênicas, higienistas correspondente a particularidade do momento histórico predominante da socialidade capitalista, em especial do início do século XX (BETTI, 1991; SILVA, 2017; BAPTISTA, 2007).

Feita esta primeira incursão, cabe agora, através da abordagem desenvolvida por Lukács, traçar um caminho pelas principais características de seu método e que aqui se avalia ser pertinente para os estudos sobre a corporeidade humana desenvolvidos na Educação Física.



## **A abordagem ontológico-genética de Lukács: pistas para a investigação da corporeidade humana**

Já se adiantou anteriormente que é a partir da categoria do trabalho presente em Marx e Engels, que Lukács desenvolve sua abordagem. Esta categoria é ascendida à centralidade categórica em que se considera esta atividade humana como o protótipo (*Urbild*) do agir humano, fundante da práxis social e elemento nodal para se compreender as formas de objetivações humanas que se assentam na realidade.

Desta feita, é pertinente brevemente traçar as principais características das categorias que fazem justificar esta centralidade do trabalho na formação humana, em especial no a) par categorial da teleologia-causalidade, a constituição dos pores socioteleológicos; b) no espelhamento-reflexo da realidade na consciência e o assentamento da consciência diante a alternativa social constituída. Apropriados destas questões lógico-históricas sobre as categorias da abordagem de Lukács, segue-se para uma tentativa de síntese e conexão com o objeto e tema do estudo, a corporeidade humana.

### **a. O par categorial teleologia-causalidade e os pores socioteleológicos**

A obra lukacsiana possibilitou o desenvolvimento de uma abordagem ontológico-genética. Tertulian (2009, 2016) afirma que desde os escritos sobre a estética, mas especialmente na *Ontologia*, Lukács criou um método original que propõe soluções para muito dos grandes problemas da reflexão filosófica: “[...] por exemplo, a relação entre a intencionalidade da consciência e a rede de cadeias causais objetivas ou também da relação entre ‘historicidade’ e ‘transcendência’ das grandes categorias do espírito (arte, ciência, religião, filosofia). (TERTULIAN, 2009, p. 376)

A investigação lukacsiana foi constituída de uma ponta a outra sobre o par categorial *teleologia-causalidade* com o aparecimento dos *pores socioteleológicos* no interior deste complexo relacional como centro irradiador da vida social (onde também se encontra inserida a tensão dialética entre objetividade e subjetividade), cujas categorias que emergem das formas de socialidade são vistas em seu surgimento histórico e na sua função específica na economia do ser. Por este método, Lukács se propôs a “[...] identificar as transições capilares de um nível ontológico mais simples a um nível ontológico mais complexo, fixando com

precisão as ligações intermediárias” (TERTULIAN, 2009, p. 383).

O trabalho é a atividade humana resultante da objetivação-externalização da consciência e teleologicamente dirigida que age na natureza para a constituição de bens necessários (amparados nas carências-necessidades humanas) para a reprodução social<sup>4</sup> (MARX, 2010; LUKÁCS, 2013; LESSA, 2012). Este agir humano, o trabalho, ocorre através do domínio conscientizado das *causalidades*, ou seja, dos nexos causais presentes na materialidade natural, porém, inserindo novas propriedades aos objetos resultantes desta ação para a criação de algo completamente novo e não existente na própria natureza. Esta inserção de novas propriedades, assim como o resultado, ocorre por haver uma consciência que põe fins-finalidades à objetivação que se assenta na realidade, o que Lukács denominou de *pores socioteleológicos*. O metabolismo humano na natureza ocasiona a coexistência concreta destas categorias, mas também uma subordinação da causalidade ao *pôr socioteleológico*<sup>5</sup> (LUKÁCS, 2013).

A subordinação não significa “ausência” de importância no processo de trabalho, assim como também a impositivação ontológica da causalidade não sobrepõe simplesmente a teleologia, mas esta pode ocasionar uma revisão sobre a causalidade. Na ordem do aparecimento cronológico dos fenômenos, a causalidade, os nexos causais, as legalidades naturais são anteriores à teleologia. Enquanto a causalidade existe em seu-em-si, a teleologia não existe por si mesma, mas no interior dos nexos causais em que assume o papel de sua determinação finalística. Nesse sentido, conforme resume Lessa: “[...] tem sua existência limitada ao interior de um único complexo social (o trabalho) e, por isso, só pode operar em indissociável conexão com o desenvolvimento causal, não teleológico, do mundo dos homens” (LESSA, 2012, p. 65).

Acresce-se aqui a síntese de Fortes (2007) que aponta que Lukács diferencia a objetivação dos pores socioteleológicos (pois o trabalho não é atividade meramente singular-individual, mas é uma constituição genérico-social) em duas formas: 1) em pores

<sup>4</sup> O complexo categorial da reprodução social é tratado na ontologia do ser social. O impulso inerente ao trabalho, sua tendência a maiores alcances e generalização, também funda, na reprodução do ser social, novos complexos sociais, que Lukács denominou como *complexo de complexos* (LUKÁCS, 2013).

<sup>5</sup> Importante salientar que não se deve compreender este movimento de forma mecânica e linear, pois mesmo com o alto grau de desenvolvimento dos controles no nexo causalidade-teleologia, há espaço também para o surgimento das casualidades que Lukács também as trata de forma ontológica.

socioteleológicos primários que atuam de forma direta – é trabalho imediato – sobre um dado objeto ou elemento natural, e, 2) pores socioteleológicos secundários que “[...] têm como finalidade a consciência de outros seres humanos” (como a religião, ideologia, entre outras formas). Dito isso, os pores socioteleológicos secundários não são mais intervenções imediatas sobre objetos da natureza, mas os pores desta ordem intencionam provocar estas intervenções por parte de outras pessoas (FORTES, 2007, p. 03).

As categorias aqui tratadas serão importantes para a reflexão sobre o agir humano, objetivadas em atividades corporais e que se encontram constituídas no conjunto deste ordenamento, como será visto no item final desta exposição.

#### **b. O espelhamentodialético da realidade objetiva na consciência e a alternativa social**

Para o desenvolvimento de uma concepção ontológica na obra marxiana foi igualmente necessário conferir uma posição central ao espelhamento dialético da realidade objetiva. Tal cuidado é necessário para evitar confusões insolúveis. Diz Lukács: “Quando isso é negligenciado, resulta obrigatoriamente em permanente confusão entre a realidade objetiva e seu espelhamento imediato, que – considerado no plano ontológico – é sempre subjetivo” (LUKÁCS, 2012, p. 27), mas não afeta a questão ontológica ancorada na realidade concreta.

A realização adequada do espelhamento da realidade ocorre na constante relação metabólica entre o ser humano-social e a natureza, relação desta que surgiram atos da consciência que se assentaram na realidade. Com isto, observa-se o papel importante da consciência para o materialismo histórico-dialético, deixando de ser mero epifenômeno – característica esta anteriormente observada ao tratar da questão da consciência em outros animais superiores – e assumindo posição central. Ela é forjada no processo sociometabólico e é responsável por impulsionar e orientar tal processo (LUKÁCS, 2013).

O assentamento da consciência na realidade é responsável pelas constantes e evolutivas transformações humanas, na sua forma de produção da vida material e imaterial, nas formas de socialidade elaboradas desde então. Esse assentamento da consciência revela o surgimento de uma nova categoria que permite a passagem da possibilidade à realidade, a *alternativa*. A alternativa é um ato de consciência e é “[...] uma categoria mediadora com cuja ajuda o espelhamento da realidade se torna o veículo do pôr de um ente” (LUKÁCS, 2013, p. 73).

Para a consciência são apresentadas possibilidades, alternativas de sua efetivação, podendo ser realizadas ou não. Este processo gera uma cadeia constante em que a consciência e o agir humano teleologicamente se põem e se realizam em uma das alternativas possíveis, mas também apresentam a possibilidade de retroagir nela mesma (ainda que isto não se opere voltando-se fisicamente no tempo).

Com Lukács, vê-se que nas esferas inorgânicas-orgânicas isto não se sustenta ou se caracteriza como um pôr teleológico diante de uma alternativa pois é, sempre, uma pôr e repôr imediato e controlado pelas legalidades da natureza, sem qualquer mediação humana. Isto é substancialmente diferente da alternativa socialmente constituída:

A alternativa social, ao contrário, por mais profunda que seja sua ancoragem no biológico, como no caso da alimentação ou da sexualidade, não permanece fechada nessa esfera, mas sempre contém em si a referida possibilidade real de modificar o sujeito que escolhe. Naturalmente, também aqui se verifica – em sentido ontológico – um desenvolvimento, já que o ato da alternativa possui também a tendência de afastar socialmente as barreiras naturais. (LUKÁCS, 2012, p. 343)

Feita as exposições acima, observa-se, então, uma importante e inicial mediação para a questão do corpo e o desenvolvimento da corporeidade. A consciência que se põe em alternativas escolhidas ocasiona, no interior do desenvolvimento de suas cadeias, a formação do ser humano. Esta formação se inicia com a constituição de seus atos mediados pela consciência.

Durante quase todo o processo, isso significou que o ato de trabalho humano proporcionou uma consciência capaz de apreender e dominar (não de forma absoluta), através do espelhamento da realidade, as causalidades naturais, até mesmo do seu próprio corpo. A ação, através de atos da consciência, “[...] procura eliminar tudo o que seja meramente instintivo, emocional e que poderia atrapalhar a compreensão objetiva. Essa é a forma pela qual a consciência torna-se dominante sobre o instinto, o conhecimento sobre o meramente emocional” (LUKÁCS, 2013, p. 79).

O trabalho proporciona transformações em sua própria natureza, um domínio da consciência sobre o elemento instintivo puramente biológico no agir humano e na sua autoformação: “[...] o trabalho modifica forçosamente também a natureza do homem que o realiza” (LUKÁCS, 2013, p. 128). Com Lukács, segue-se:

Esse domínio da consciência do homem sobre o seu próprio corpo, que também se estende a uma parte da esfera da consciência, aos hábitos, aos instintos, aos afetos, é uma exigência elementar do trabalho mais primitivo e deve, pois, marcar profundamente as representações que o homem faz de si mesmo, uma vez que exige, para consigo mesmo, uma relação qualitativamente diferente, inteiramente heterogênea daquela que corresponde à condição animal, e uma vez que tais exigências são postas por todo tipo de trabalho (LUKÁCS, 2013, p. 128).

Contudo, o processo sociometabólico gerador do afastamento das barreiras naturais não significa, de forma alguma, que haja a supressão da natureza, da dimensão biológica, pois o homem permanece, em caráter ineliminável, um ser natural.

Sua consciência – que nasce e morre com o indivíduo, mas os produtos das consciências podem se tornar parte do patrimônio genérico – corresponde, inicialmente, ao plano biológico. Esse é um caráter inquestionável e que mesmo toda forma de conhecimento sobre ele e o desenvolvimento de pores socioteleológicos que anunciam a superação do ser humano (moderno) – vide as concepções pós-modernas que anunciam, inclusive, uma transumanidade, pós-humanidade, homem pós-orgânico, um pós-corpo –, não alteram a vinculação ontológica da consciência com o processo vital do corpo (LUKÁCS, 2013).

Os pores de uma consciência que se defronta o tempo inteiro com novos objetos e dos quais busca realizar a apreensão destes, num confronto dialético que fazem surgir os objetos na consciência como determinações-da-reflexão<sup>6</sup>, desvelam-se e geram novas formas, pensamentos, ideias e conhecimento que agem sobre outros seres humanos.

Mostram ainda representações da consciência que foram constituídas, a exemplo da denominada *alma* (*anima*), uma concepção substancialista em que torna o corpo, o portador e morada da alma. Isto gera como consequência, a própria noção presente no idioma grego-helênico e latino, em que expressões para o corpo<sup>7</sup> – aqui entendendo a linguagem como um pôr socioteleológico secundário – significam um tipo de oposição a *anima*. Pela impositação ontológica marxiana-lukasciana há uma rigorosa correção acerca deste aspecto, haja visto que a autonomia da consciência (da alma) não pode ser deduzida em termos ontológico-genéticos,

<sup>6</sup> As determinações-da-reflexão aparecem como um conteúdo de um confronto originário entre o ser humano e seu ambiente exterior (RANIERI, 2011; 2018). Este sociólogo sintetiza as determinações-da-reflexão como a “[...] unidade e a distinção entre a identidade, a diferença e o fundamento da relação entre as duas” (RANIERI, 2011, p. 52).

<sup>7</sup> No latim: *corpus, corporis*; no grego: *soma* (corpo morto), *demas* (corpo vivo).

não há suficiência para a sua comprovação (LUKÁCS, 2013).

Tal questão também serve para corrigir a própria indagação sobre a autonomia da consciência em relação ao corpo. Esta questão tem de ser posta e considerada no âmbito do ser social, não somente pelo que há de determinação oriunda da esfera inorgânica-orgânica, não somente pelo corpo ou pela consciência ou pelo indivíduo ou personalidade. Por Lukács, pode se inferir que a consciência e corpo *trata-se de uma insuprimível unidade ontológica objetiva, na qual é impossível o ser da consciência sem o ser simultâneo do corpo* (LUKÁCS, 2013). O filósofo húngaro traz uma importante observação já antes também tratada por Hegel:

Ontologicamente se pode dizer que é possível a existência de um corpo sem consciência quando, por exemplo, em consequência de uma doença, ela deixa de funcionar, ao passo que uma consciência sem base biológica não pode existir. Isso não contradiz o papel autônomo, dirigente e planificador da consciência com relação ao corpo; pelo contrário, é o seu fundamento ontológico. (LUKÁCS, 2013, p. 131)

A parte em destaque acima é uma importante observação acerca dos fundamentos do ser humano-social: aponta a possibilidade da existência de um corpo sem a consciência em determinadas condições, mas não da consciência sem a determinidade biológica.

Na contemporaneidade em que se questionam os limites do corpo e as possibilidades transitórias para a superação destas limitações através da tecnologia, dos avanços biomédicos e da comunicação (SANTAELLA, 2004; LE BRETON, 2003; 2010, entre outros), torna-se problemático afirmar que haverá uma existência humana ao suprimir a dimensão natural que lhe é ontologicamente indispensável. Portanto, o domínio – o que não significa supressão ou superação do biológico, dos afetos, das emoções – e modificação da própria natureza é um elemento que faz presente na história até a contemporaneidade.

Este traço básico e importante perdura nas sociedades contemporâneas e de classe, mas, nesse mesmo traço, entrecruzam-se outros motivos diversos do ser social, como a exploração do trabalhador por uma classe detentora dos meios de produção que ocasiona a constituição da forma estranhada de trabalho.

Tais aspectos reforçam um importante elemento: é necessário que busque a correta posição e trato sobre o corpo na ontologia do ser social, mas não tratá-lo como *categoria autônoma*. Tal definição significaria ascender à categoria central, uma singularidade (a matéria corpórea), despojada, separada ou apartada de outras dimensões reais que fazem esta

mesma singularidade, inclusive, tornar-se conceito e categoria advindo de uma consciência que não se forma sozinha, mas que se constituiu no constante processo sociometabólico do ente humano com a natureza.

Pelo contrário, o entendimento sobre o ser social deve ser em seu conjunto, em suas dimensões intercambiáveis, mais que isso, inelimináveis. A compreensão do ser social não se dá nunca somente pelo corpo ou nunca somente pela consciência, mas, sim, em sua insuprimível unidade ontológica objetiva do ser da consciência com o ser simultâneo do corpo (LUKÁCS, 2013).

O percurso até aqui realizado buscou apresentar de forma lógica e histórica, nos limites do presente texto, as principais questões conceituais e categoriais da ontologia marxiana-lukasciana buscando em alguns momentos aproximar com o tema de investigação apontado, a corporeidade. Cabe agora, estabelecer uma síntese e maior nexo da abordagem categorial realizada com a Educação Física.

### **c. Uma síntese para a reflexão sobre a corporeidade humana**

Retoma-se alguns pontos do percurso feito até aqui acerca das esferas ontológicas para relacionar diretamente com a corporeidade humana. Da esfera inorgânica de onde parte a matéria necessária para a formação físico-química de condições de surgimento e sustentação da vida orgânica, têm-se os insumos necessários para os primeiros metabolismos entre os primeiros seres vivos com o dado inorgânico. Da longínqua e incessante processualidade que condicionou o florescimento de diversos seres na esfera orgânica, sobressaíram as primeiras formas que, após um longo processo de pores socioteleológicos, seriam nominadas tardiamente como *corpos físicos*.

Nesta esfera, as primeiras formas de vida despontaram e, no constante intercâmbio, se iniciou um processo sociometabólico que resultou na saída de um tipo de ser de sua condição primeva, animalésca. Tal processo representa, ao mesmo tempo, a elevação dos hominídeos a algo distinto da *massa amorfa* da natureza. Atente-se para o que se denominou como uma massa amorfa: não significa dizer que a natureza seja uma totalidade uniforme e indistinta. Porém, o ser e as coisas tomam forma por haver a ação da consciência de um ente que se auto percebeu, percebeu as coisas em seu entorno, as definiu como algo que existe, como também as definiu

como possuidoras de formas e conteúdo, distintas ou mesmo iguais umas das outras.

Este processo não é um automovimento da razão ou do espírito, nem ocorre somente na natureza, nem somente no ente humano em seu *em-si*. Foi necessário um processo singular entre o ente humano e a natureza para formar a consciência e se constituíssem nela, a razão, o conhecimento, a arte, a linguagem, entre outras objetivações.

No interior das esferas inorgânica e orgânica, as espécies homínidas foram os seres que desenvolveram uma nova forma de metabolismo e intercâmbio. O trabalho aparece como mediação, como consciência objetivada e exteriorizada, como também uma forma de ação, uma *práxis*. A consciência deixou de ser um epifenômeno no reino animal e na processualidade social, ascende em sua prioridade no ato teleológico do trabalho.

Assim se formou a esfera social, o complexo que surgiu do processo metabólico do ser com a natureza exterior inorgânica e orgânica (inicialmente estranhada) e que possibilitou tornar os seres homínidos em seres humanos ao adquirir *consciência-do-seu-em-si*.

Neste contínuo processo, há-se também o reconhecimento, o ser se perceberá também como materialidade, inicialmente físico-natural e que aparece como fundamento da formação da consciência. Esta consciência que se torna sensível e cognoscente reconhece, na *interiorização* do que lhe apareceu na exterioridade, sua *materialidade corpórea como expressão e forma objetiva da natureza*. Assim, o ser humano, já com índices de socialização, se vê também como um ser da natureza, consciente-de-si e de ter-existir em um corpo.

Semelhante conclusão encontra-se na síntese de Baptista (2007): essa consciência só pode ser manifestada no corpo do ser humano e, por isso, é denominada *consciência do corpo* o qual, por sua vez, será responsável pela realização direta do trabalho. O agir humano só é possível através da presença material da consciência, em outras palavras, *corpo da consciência*, o qual contribui para a ação material da consciência.

O processo sociometabólico lançou a humanidade para o seu desenvolvimento, um processo ocorrido em milhares de anos e cuja transição entre as esferas são feitas por saltos ontológicos, por transição de um nível a outro com características qualitativas diferenciadas. A elevação do organismo humano (e da própria consciência) e a complexificação que daí surgem modificam as carências e necessidades, antes ainda circunscritas presas somente à sua existência físico-biológica.



O trabalho humano atuando controle das causalidades oriundas das carências e necessidades para se pôr como finalidade dirigida. O controle por meio do ato de trabalho significou, inclusive, o controle das causalidades naturais que se encontram no próprio ser. O trabalho estende domínio sobre os hábitos, os instintos, os afetos, modificando a natureza humana. Convém sempre destacar é que quando se fala de uma natureza humana, não se trata de uma mera substância abstrato-estática, um dado natural ou de algo possuidor de um predicado moral que é inato. Trata-se, a partir de Marx, Engels e Lukács, de uma *substancialidade* que se encontra em constante movimento, uma substancialidade que é sócio-histórica e reconhecida no interior do devir humano nos complexos dinâmicos do ser social.

E na natureza inicialmente concreta do ser-corpo, observou-se que o ato de trabalho também modificou os sentidos – o paladar, a audição, a visão, o tato, o olfato – e a própria gestualidade corpórea. A ação e a gestualidade corpórea ascendida no interior do processo sociometabólico é expressão da *corporificação* humana, singular e genérica. Esta corporificação é ação corpórea *na e para* a atividade metabólica que se encontra na passagem e domínio das *causalidades dadas* para as *causalidades postas*. Portanto, o agir humano-corporal é uma causalidade posta que anima a própria *corporeidade* humana, *sua personalidade viva* (MARX, 2018; LUKÁCS, 2013; SOUSA, 2020).

Andar, correr, saltar, locomover-se nos meios terrestres-aquáticos-aéreos, dentre outras gestualidades e ações corpóreas desenvolvidas, extrapolaram (mas não suprimiram) as iniciais determinidades naturais e transformaram-se em atividades e técnicas corporais. Estas atividades são consideradas pores socioteleológicos, são constituições, exteriorizações e objetivações da consciência que apreendeu os nexos causais presentes na própria materialidade corpórea (causalidades dadas) e desenvolveu conhecimentos sobre ele a partir deste domínio (causalidades postas).

Esta observação é demasiada importante para tratar da reflexão no âmbito da Educação Física, haja visto que ainda na atualidade, mesmo diante da instauração do debate crítico-renovador nesta prática social e pedagógica desde os anos de 1990 (CASTELLANI FILHO, 2019), ainda se encontram vigentes e com certa hegemonia, proposições pedagógicas – seja no âmbito da Educação Física Escolar, seja na atuação em outras esferas, como na área da saúde – que nem sequer põe em questão ou indagam suas fundamentações em que consideram as

atividades motoras acima citada como mero ato natural (ORTIGARA, 2011). Seguindo o trabalho de Ortigara (2011), vê-se também que mesmo com significativos avanços, algumas abordagens críticas da Educação Física possuem problemas de compreensão sobre o movimento humano ser irradiado da atividade humana intencional, dirigida e genérica na natureza. Estas abordagens põe o movimento humano na ordem da linguagem e comunicação, como ação orientada pela percepção, emoções e sensibilidade, o que aponta para uma ontologia do ser fundamentada num alto grau de abstração e indeterminação.

Tratando o movimento humano no ordenamento dos sucessivos pores teleológicos, vê-se que a atividade corporal correspondeu e corresponde aos mais diversos objetivos constituídos no complexo social que, em certa medida, se sobrepuseram as primeiras formas correspondentes às primeiras carências e necessidades naturais do agir puramente biológico. Consequentemente, as formas do movimento humano se enriqueceram, complexificaram e se converteram em manifestações sistematizadas, tais como as ginásticas, os esportes, as lutas corporais, as danças, dentre outras.

### Considerações finais

Um aspecto fundamental para o debate e para os estudos sobre o corpo na Educação Física pode se retirar das observações acima expostas. As formas desenvolvidas do movimento humano não se desconectaram das exigências e das especificidades do ser social em cada particularidade histórica vivida, seja na antiguidade de onde começaram a surgir sistematizações sobre o agir motor humano, seja na modernidade e contemporaneidade, em que determinadas práticas assumem novas figurações e significações.

Porém, diante das novas formas de complexidades sociais surgidas nos pores socioteleológicos do trabalho e da consciência, o movimento humano é crivado pelos princípios presentes no tempo histórico correspondente. Pode-se inclusive afirmar, sob a luz das reflexões feitas até aqui, que o movimento humano, as atividades corporais complexas emergidas, são *expressões dos pores da consciência*, são *pores socioteleológicos*.

Aliás, cabe sempre ressaltar que, no interior desse movimento, também se tem a geração de formas *estranhadas-alienadas* que *desefetivaram* e *desefetivam* o ser. Observa-se, assim, especialmente no momento predominante do modo de produção capitalista, que a racionalidade do desenvolvimento sociotécnico da produção material, do desenvolvimento

social e do próprio conhecimento técnico-científico, atravessa e direciona as atividades corporais modernas e contemporâneas.

Em uma das mais expressivas manifestações corporais, o esporte moderno, observou-se que a sua gênese não ocorreu de forma linear e sem acidentes, mas sua expressão moderna é resultado da sistematização de outras expressões corporais existentes, como os jogos e as brincadeiras. A real gênese do esporte moderno encontra-se vinculada às determinações nascidas no modo de produção e na socialidade capitalista.

É na observação dessas conexões que autores como Brohm (1976) vem a entender o esporte como fruto de uma ruptura histórica e que se constituiu quase ao mesmo tempo em que ocorria a consolidação do modo de produção capitalista, especialmente em sua fase imperialista na Europa e nos Estados Unidos. Brohm buscou combater o que ele denominou como a existência de uma polissemia acerca do esporte, afirmando que tal atividade não é uma instituição homogênea, mas uma prática que encontra, inclusive, inserida nas relações de produção e das classes sociais que dela emergem e que tende a ter significações distintas conforme o estrato social em que ela é praticada. Para a burguesia, por exemplo, o esporte é concebido como ócio, ocupação do tempo livre, enquanto para o proletariado é concebido como um meio de recuperação física (BROHM, 1976).

Sendo então consequência do desenvolvimento das forças produtivas, as práticas esportivas (outras atividades corporais também) ocasionam uma educação corporal correspondente a este modo de produção e reprodução capitalista. O esporte transforma o corpo em instrumento que se encontra integrado ao complexo sistema das forças produtivas e prepara para a força de trabalho para corresponder às exigências da produtividade.

O esporte moderno também se tornou um setor específico dentro da divisão do trabalho capitalista e que na atualidade apresenta um grande desenvolvimento econômico, um mercado que se move na mesma lógica de produção e reprodução da sociedade de classes e que gerou produtos portadores de valores elevados e caros – de esportistas a marcas. O espetáculo esportivo reforça o corpo como mercadoria a partir do controle das pulsões, da regularização e controle da agressão e da violência tolerada, como também produz a cretinização das massas, que leva Brohm a afirmar que são caminhos que produzem fascistização, um caminho para o fascismo.

Outro aspecto fundamental que se pode observar da impostação ontológica das esferas inorgânicas, orgânicas e sociais é o tratamento da constituição humana no processo sociometabólico. A busca pelo domínio da dimensão corpórea biológica, dos afetos, das emoções e da modificação da própria natureza configurou-se como uma constante que ganhou um impulso, especialmente na contemporaneidade capitalista. Na atual tensão entre capital e trabalho, o constante questionamento sobre as formas desenvolvidas para a busca do domínio da natureza atravessa a pertinente e atual preocupação quanto ao esgotamento do meio-ambiente.

Essa preocupação relaciona-se com a intensificação da exploração degradante dos recursos naturais ocorrida com o incremento e desenvolvimento sociotécnico das forças produtivas. A preocupação é legítima e necessária, haja visto que, sem a natureza inorgânica e orgânica que é exterior à humanidade, o suporte à vida ficaria comprometido, para não dizer da possibilidade de extinção dela.

O mesmo desenvolvimento sociotécnico do trabalho, das forças produtivas na atualidade (alimentado também por uma ciência convertida em força produtiva) tem promovido reordenamentos nas formas de produção que afetam as relações de produção e, conseqüentemente, a complexificação das classes sociais. O significativo avanço das formas alienadas e estranhadas de trabalho estabeleceu a vigência do controle e educação corporal por pedagogias elaboradas para a esfera da produção material, pedagogias estas que deformam o ser corpóreo em nome da produtividade (SILVA, 2017).

A questão da dimensão natural na formação humana tem um caráter inquestionável, mas que tem sido questionado na contemporaneidade por um movimento do real que apresenta significativos desenvolvimentos nos campos técnico-científicos da biotecnologia, da robótica e cibernética e da comunicação e informação. Acompanham este movimento teorizações que anunciam, inclusive, possibilidades de superação da humanidade em direção a uma era da *transhumanidade*, da *pós-humanidade*, do homem *pós-orgânico*. Esse movimento diz se embasar em pressupostos iluministas em que a razão e a racionalidade seriam caminhos para a superação e transcendência das limitações humanas. Ou seja, este movimento postula uma outra forma de vida que se evoluiria dos seres humanos, mas com significativas diferenças de tal modo que se tornaria um ser não-humano. Tais polêmicas questões podem

esbarrar nas fronteiras das esferas ontológicas do ser social. Muito poderia se argumentar e desenvolver acerca deste polêmico campo de pesquisa, mas, a partir do que se teceu até aqui, saltam de imediato duas reflexões com potencialidades de maiores desdobramentos e aprofundamentos.

A primeira reflexão é de que os desenvolvimentos sociotécnicos ora existentes não alteram a vinculação ontológica do ser humano-social, da sua consciência com o processo vital do corpo. E aqui se faz questão de ressaltar que este processo vital sobre o corpo significa: a) a existência e necessidade das dimensões inorgânicas e orgânicas que atravessam a materialidade corpórea, como também atravessam aquilo que lhe é exterior. O ser humano não se formou por si só, pois é um ser que se encontra em relação a algo, seja a exterioridade natural ou outros seres singulares, mas que são decisivos para se constituir a identidade e o conceito de homem, de ser corpóreo; b) o processo vital do ser corpóreo também significa a capacidade humana de se objetivar e exteriorizar através do ato de trabalho. O ser humano-social não pode ser resumido só a uma existência-em-si como algo inanimado, mas é a existência de um ser que age para, inclusive, existir. A existência humana depende do agir humano que buscou controlar as causalidades e se objetivou e exteriorizou nos pores teleológicos geradores de novas formas, produtos e, posteriormente, mercadorias.

De fato, os produtos dos pores socioteleológicos geraram coisas materiais, conhecimento e tipos de ação/intervenção humana que são desenvolvidos até em níveis microscópicos (vide o sequenciamento do genoma humano que hoje auxiliam a medicina). Porém, ao contrário do que defende o citado movimento que observa, no avanço da biotecnologia e da medicina, a possibilidade de superação das limitações postas pela condição natural, entende-se aqui que eliminar a dimensão orgânica significaria suprimir algo que é também produto de uma ação humano-social, ou seja, a própria expressão corpórea como produto do agir humano nas esferas inorgânica, orgânica e social.

A segunda reflexão é que, do processo vital do ser corpóreo acima exposto, o trabalho que se assentou e gerou a diversidade de pores que se encontram à nossa volta se assentou também como conhecimento técnico-científico. Esse conhecimento, fruto deste trabalho e processo vital humano, também se encontra inserido na esfera das relações produtivas e sociais.

Citou-se acima a constatação de que a ciência moderna foi convertida em força produtiva e o resultado disso, qual seja, o produto e o próprio conhecimento empregado para a produção também foram convertidos em produtos portadores de mais-valor, em mercadorias. Assim, não se pode desconsiderar ou tratar de forma secundária o fato de que os produtos do trabalho e da ciência materializados em técnicas de modificação corporal, tais como as cirurgias estéticas, técnicas e tecnologias de intervenções em níveis macro e microgenéticos, entre outros tipos de produtos, converteram-se em mercadorias, produtos e técnicas de produção detentoras de mais-valor.

Importante refletir sobre isso quando se trata de tais questões no interior da socialidade vigente em que, suspeita-se, tais desenvolvimentos e os bens daí produzidos não beneficiariam a generidade humana em sua totalidade, mas estariam à disposição somente, quase exclusivamente, de algumas singularidades pertencentes às classes detentoras dos meios de produção e que, portanto, teriam condições de acesso e de consumo desses produtos.

Findado momentaneamente a exposição deste recorte, cabe apontar que a análise da corporeidade humana pela impositação da ontologia marxiana-lukacsiana ainda apresenta consideráveis potencialidades quando se aproximar dos outros complexos categoriais. Cabe, em momento futuro, apresentar de formas mais específica a relação da reprodução social, da ideologia e da alienação-estranhamento com a corporeidade humana.

Cabe também avançar sobre um elemento suscitado no presente texto, mas que merece melhor trato para novos desdobramentos de investigação: tratar da corporeidade humana assentada na ontologia do ser social, não significa realizar somente a gênese do tema aqui estudado, mas significa também versar de forma rigorosa, sobre as contemporâneas determinações e mediações que afetam o ser humano, perante ao quadro das recentes reestruturações produtivas e da socialidade no modo de produção capitalista que, por consequência direta e indireta, afetam a corporeidade do ser humano e social.

## Referências

ÁVILA, Astrid. Baecker. **A pós-graduação em Educação Física e as tendências da produção do conhecimento: o debate entre realismo e anti-realismo.** 2008. 233 f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. **Educação do corpo: produção e reprodução.** 2007. 150 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

BETTI, Mauro. **Educação Física e Sociedade.** Porto Alegre, RS: Editora Movimento, 1991.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedex**, Campinas, ano XIX, n. 48, ago. 1999.

CARLI, Ranieri. **A estética de György Lukács e o triunfo do realismo na literatura.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012. (Pensamento Crítico 17)

CASTELLANI FILHO, Lino. 40 anos de CBCE- de expressão do “Movimento de Renovação Conservadora” à síntese do “Movimento Renovador (Progressista)” da Educação Física/Ciências do Esporte. In: LARA, Larissa et al. **Ciências do Esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2019. – 112 p. (Coleção Educação Física). Conteúdo: v. 1. – memória e história do CBCE.

CHASIN, José. **Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica.** São Paulo: Boitempo, 2009.

BROHM, Jean-Marie. M. **Sociologia crítica del deporte.** Cidade de México-MEX: Fondo de Cultura Economica, 1976.

BROHM, Jean-Marie. Depois de mim, o dilúvio! Imagens da morte e da negação do corpo em Marx. In: NÓVOA, Jorge (org.). **Incontornável Marx.** Salvador: EDUFBA; São Paulo: Editora UNESP, 2007, p. 339-365.

DURVASULA, Arun. SANKARARAMAN, Sriram. Recovering signals of ghost archaic introggression in African population. *Sciences Advances*, v. 6, n. 7, eaax5097, fev. 2020. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/sciadv.aax5097>. Acesso em 15 fev. 2020.

FORTES, Ronaldo Vielmi. Lukács e o desvelamento da perspectiva ontológica da obra de Marx. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX- ENGELS, 5, Campinas-SP. **Anais...Campinas: Unicamp, 2007.** Disponível em: [https://www.unicamp.br/cemarx/anais\\_v\\_coloquio\\_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/sessa06/Roanldo\\_Fortes.pdf](https://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/sessa06/Roanldo_Fortes.pdf). Acesso em: 1 mar. 2020.

Revista Momento – diálogos em educação, E-ISSN 2316-3100, v. 33, n. 1, p. 247-272, jan./abr., 2024. 269  
DOI:

HARVEY, David. O corpo como estratégia de acumulação. A política do corpo e a luta por um salário vital. In: HARVEY, David. **Espaços de esperança**. São Paulo-SP: Edições Loyola, 2004. – p. 135-177.

HEROLD JR, Carlos. **As relações entre corpo e o trabalho**: contribuição crítica à educação. 2006. 140 f. Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

HUNGARO, Edson Marcelo. **Trabalho, tempo livre e emancipação humana**: os determinantes ontológicos das políticas sociais de lazer. 2008. 264 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2008.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Tradução Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 2003.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sônia M. S. Furhmann. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LESSA, Sergio. Lukács e a ontologia: uma introdução. **Revista Outubro**, edição 5, artigo 06, 2001.

LESSA, Sergio. **O mundo dos homens**: trabalho e ser social. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

LUKÁCS, György. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**: questão de princípio/para uma ontologia tornada possível hoje. Tradução de Lya Luft e Rodnei Nascimento. São Paulo: Boitempo, [1984] 2010.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, [1976] 2012.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, [1976] 2013.

MARX, Karl Heinrich. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, Bruno Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl Heinrich. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução, apresentação e notas de Jesus Ranieri. 4. reimpressão (1. ed. em 2004). São Paulo: Boitempo, [1844] 2010.

MARX, Karl Heinrich. **O Capital**. Crítica da economia política. Livro 1: o processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. 2. ed. 1ª reimpressão maio 2018. São Paulo: Boitempo, 2018

MEDINA, João Paulo Subirá. **O brasileiro e o seu corpo**. Campinas: Papyrus, 1987.



MEDINA, João Paulo Subirá. **A educação física cuida do corpo... e “mente”**. 25. ed. Campinas: Papirus, [1983] 2010.

NETTO, José Paulo. Apresentação. In: LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012.

OLDRINI, Guido. Em busca das raízes da ontologia (marxista) em Lukács. In: LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, [1976] 2013.

ORTIGARA, Vidalcir. **Ausência sentida: a determinação ontológica do ser social**. 2018. 230 f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

ORTIGARA, Vidalcir. Movimento humano, ontologia do ser social e Educação Física. **Motrivivência**, (36), 63–74. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2011v23n36p63>

RANIERI, Jesus. **Trabalho e dialética: Hegel, Marx e a teoria social do devir**. São Paulo: 2011.

RANIERI, Jesus. Notas sobre Marx – a presença de Hegel e o lugar das determinações-da-reflexão para a constituição de uma teoria genética. In: RANIERI, Jesus (Org.). **Além do véu de névoa: leituras e reflexões em torno de O Capital**, de Karl Marx. Campinas: Unicamp/IFCH, 2018. p. 11-56. (Coleção Ideias, n. 14).

RICTHER, Daniel. GRÜN, Rainer. JOANNES-BOYAU, Renaud et al. The age of the hominin fossils from Jebel Irhoud, Morocco, and the origins of the Middle Stone Age. *Nature*, n. 546, p. 293–296 (2017). Disponível em: <https://doi.org/10.1038/nature22335>. Acesso em: 05/02/2020.

ROBERTS, ALICE. *Evolution: the human story*. New York-USA: Dorling Kindersley Publishing, 2011.

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação: sintoma de cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, Hugo Leonardo Fonseca da. **Contribuição à crítica da pedagogia do corpo no trabalho**. 2017. 309 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

SOUSA, Marcel Farias de. **Trabalho e alienação-estranhamento: contribuições da ontologia do ser social para o debate sobre o corpo na Educação Física brasileira**. Tese, Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Brasília: Universidade de Brasília; 2020.

SOUSA, Marcel Farias de. NUNES, Thiago Oliveira Queiroz. O percurso constitutivo da ontologia Marxiana-Lukacsiana: apontamentos pertinentes para o debate gnosiológico-epistemológico sobre a corporeidade humana. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.

45, p. e20230041, 2023.

TERTULIAN, Nicolas. Sobre o método ontológico-genético em Filosofia. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 27, n. 2, 2009.

TERTULIAN, Nicolas. Ontologia heideggeriana e ontologia lukasiana. In: TERTULIAN, Nicolas. **Lukács e seus contemporâneos**: coletânea de textos. São Paulo: Perspectiva, 2016. p. 31-172.

TONET, Ivo. **Método científico**: uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

Submissão em: 30/07/2023

Aceito em: 28/02/2024

Citações e referências conformenormas da:

